

«A POBREZA NÃO EXCITA INVEJAS, E POR MAIS QUE PROCURE NÃO LHE ACHO OUTRA VANTAGEM».

JULIO AULETE

(Preço avulso: 5\$00) N.º 699
ANO XXVI 2/11/78

Composição e Impressão
«GRAFICA EDITORA»
Av. João Ferreira da Maia, 20
Telef. 92091 RIO MAIOR

DIRECTOR E PROPRIETÁRIO
José Maria da Piedade Barros

Redacção e Administração
GRAFICA LOULETANA
Rua Marechal Gomes da Costa
Loulé
Telef. 625 36

PORTE
PAGO

Loulé

SEMANÁRIO DE INFORMAÇÃO E PROPAGANDA REGIONALISTA

MOTA PINTO

sucessor de Nobre da Costa encarregado de formar o IV Governo Constitucional

Para formar o IV Governo Constitucional, a suceder ao Governo encabeçado por Nobre da Costa que (à hora em que estas linhas são escritas) se encontra demissionário mas no exercício dos negócios correntes do Estado até à nomeação de novo gabinete, foi indigitado pelo Presidente da República, para sobrepor a pasta de Primeiro Ministro o jurista e professor Mota Pinto, que em relação ao seu antecessor beneficia de maior tolerância ideológica por parte do sector político maioritário.

Esta decisão veio culminar aturadas reuniões tidas entre o Presidente da República e os partidos, os quais, de forma predominante, não levantaram objecções, permitindo que esta alternativa tomasse corpo uma vez possibili-

tado o apoio parlamentar estável e permanente.

Nas suas primeiras palavras na qualidade de que acabar de ser investido, Mota Pinto confiou à (continua na pág. 2)

I FEIRA DE TURISMO DO ALGARVE EM ALBUFEIRA

Integrada e simultânea à realização do IV Congresso dos Agentes de Viagens e Turismo que tem cabimento de 22 a 26 de Novembro no Hotel Monte Choro, em Albufeira, decorrerá a I Feira de Turismo do Algarve, que servirá de ponto de partida de similares empreendimentos.

Os expositores inscritos, ligados aos sectores hoteleiros trans- (continua na pág. 7)

EVOCANDO O PASSADO PENSANDO NO FUTURO

por
— MANEL DE QUERENÇA —

Recordamos perfeitamente a primeira vez que fomos à vila de Loulé, pendurados ao xeile da mãe. Seis, sete anos, mais não teríamos. Nunca tinhemos saído de Querença. Não suportámos o cheiro da vila e ali, na rua das lojas, em frente da casa do Barracha, perdemos os sentidos e caímos por terra. Graças à amabilidade de um caixeteiro, um copo de água e umas bofetadinhos na cara, não tardamos a dar sinais de vida... De regresso aos Corcitos, berço natal, fizemos o seguinte comentário às crianças da nossa idade: Não voltarei à vila, as ruas cheiram a gasolina!

Entretanto o tempo passou e cerca de dez anos depois, para não ficar a cavar no campo, voltamos à vila para aprender um ofício. Ainda hoje é nossa íntima

LOTEAMENTOS SEM CONTRAPARTIDA ou loteamentos de participação urbanística?

Ao grande construtor ou às empresas construtoras cabe, actualmente, ir mais além do acto de edificar.

Por exemplo, um prédio de grande porte contendo uma multiplicidade de fogos, obriga à implantação adicional de infraestruturas de apoio, para as quais a

máquina e os orçamentos camarários são, à partida, insuficientes.

Um edifício deste género levanta, geometricamente, problemas de diversa ordem, tais como abastecimento de água, fornecimento de energia eléctrica, saneamento básico adequados que não encontram correspondência no sistema em funcionamento.

Estes problemas não devem ser alijados, porta fora, pelos construtores, que depois da obra feita exigem e reclamam as indispensáveis infraestruturas apontadas, endossando aos municípios todos os encargos inerentes com tais benfeitorias.

É por esse facto que as edificações tantas vezes relutam no deferimento da construção vertical, que inversamente a área coberta levanta um sem número de compromissos de difícil solução.

Em razão da experiência adqui-

(continua na pág. 7)

Condicionamentos da construção civil nas zonas rurais

Costuma-se dizer que o nosso País é fundamentalmente agrícola, o que não foge à verdade se bem que a industrialização assuma aspectos cada vez mais positivos e relevantes no contexto da economia nacional.

Por outras palavras poder-se-á dizer que a produção da terra ainda é (e não se sabe por quanto

tempo) superior, em escala valora-tiva, à produção proveniente do sector industrial.

Sucede, entretanto (o que correntemente é ignorado), é que a área de aptidão agrícola cobre apenas 28% do território do nosso País. Muito pouco, portanto, em relação à nossa índole agrícola cuja actividade permanece como sustentáculo mais válido e que imperativamente carece de resguardo do seu já reduzido espaço agricultável para manter e assegurar capacidade produtiva da qual tanto dependemos.

É natural que perante o espectro desta agricultura, o Estado tenha tomado as suas precauções. E mal avisado andaria se tivesse descurado a política da ocupação

Sombria situação financeira dos Serviços Médico-Sociais

Em recente entrevista concedida ao jornal «Expresso», de Lisboa, o Ministro dos Assuntos Sociais, dr. Pereira Magro, disse a determinada altura das suas declarações:

«Se o Orçamento Geral do Estado não reforçar as verbas deste Ministério, (são necessários 12 milhões de contos), será impossível liquidar as contas às farmácias nos meses de Setembro e seguintes e também pagar as remunera-

TAMBÉM NO ALGARVE a autêntica democracia foi defendida

(VER PÁGINA 2)

«...Uma burocracia cada vez mais emperrativa e ferrugenta»

— afirmou-nos FERREIRA TORRES membro da Assembleia Municipal de Loulé

— Entrevista conduzida por —
— LUIS PEREIRA —

Os problemas da administração local são cada vez mais complexos e de difícil solução. As Câmaras não dispõem de meios financeiros e técnicos de modo a

(continua na pág. 3)

«Risco Português» sopesado futuramente nos empréstimos internacionais?

No VII Seminário para Banqueiros Estrangeiros promovido no Estoril pelo BPA, sob a legenda «O risco português na perspectiva da comunidade bancária internacional», suscitou ponderações no sentido de que qualquer novo grande empréstimo internacional a Portugal deve depender da estabilização político social e de sintomas firmes de recuperação económica.

Pelos vistos e em face às in-

tervenções registadas, os congressistas repartiram-se em duas facções contraditórias. De um lado, os norte-americanos e os alemães ocidentais que acreditam, segundo a sua óptica política, ser necessário conceder apoio financeiro a fim de possibilitar o equilíbrio da situação económico-financeira portuguesa. Do outro lado, situaram-se os banqueiros ingleses, suíços e escandinavos que se mostraram cépticos perante a degradação da balança comercial, que denuncia produtividade insuficiente e resultados pouco positivos das medidas de saneamento na economia do País.

De notar que o «risco português» está, no final de contas, a ser sopesado pela banca internacional, o que nos indica que já lava certa inquietação quanto às nossas futuras possibilidades de solvência...

Empréstimo da França: 150 milhões de francos

Foi, em data recente, assinado em Lisboa um protocolo financeiro que coloca à disposição de Portugal um empréstimo do Tesouro Público francês e créditos comerciais garantidos pelo estado francês até ao montante de 150 milhões de francos equivalentes a 1,5 milhões de contos.

O empréstimo, que vem na sequência da visita de Giscard d'Estaing ao nosso País, destina-se a financiar projectos industriais, tendentes a contribuir para o desenvolvimento de Portugal e o seu enquadramento no Mercado Comum.

ANTIGO DISCURSO FEITO EM ROTARY HÁ LONGOS ANOS ATRÁS

(Ler na página 6)

TAMBÉM NO ALGARVE a autêntica democracia foi defendida

Com o pedido de publicação, recebemos da Comissão Política do P.S.D. o seguinte comunicado:

Completa-se hoje o 3.º aniversário sobre a gloria noite de 26 de Outubro de 1975, data em que as forças democráticas Algarvias, corajosas defensoras de um estado de direito, que se lhes era negado, retomaram o edifício do Governo Civil de Faro, desalojando do seu seio a orda de forças totalitárias que despudoradamente pretendiam sobrepor-se pela força à verdadeira vontade popular.

O Gabinete de Comunicação Social da Comissão Política Distrital de Faro do Partido Social Democrata não pode deixar passar esta data sem que seja prestada homenagem devida aos seus militantes e simpatizantes, que, com o risco de própria vida, sou-

A Voz de Loulé, n.º 699 de 2-11-78

**TRIBUNAL JUDICIAL
DA COMARCA
DE LOULÉ**

ANÚNCIO

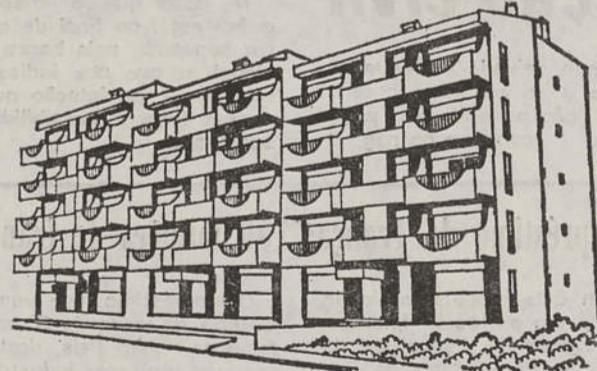
(Publicação única)

FAZ-SE saber que foi distribuída na Secretaria Judicial desta comarca de Loulé — Secção Auxiliar — uma acção especial de interdição por anomalia psíquica com o n.º 40/78 contra FRANCISCO ANTÓNIO, solteiro, maior, morador no sítio dos Cavacos, freguesia de Quarteira, desta mesma comarca para o efeito de ser decretada a sua interdição por demência ou anomalia psíquica.

Loulé, 9-10-1978.

O Juiz de Direito,
a) Mário M. Torres Veiga
O Escrivão,
a) Américo Guerreiro Correia

na praia de QUARTEIRA



APARTAMENTOS TORRE D'ÁGUA

JUNTO AO NOVO DEPÓSITO DE ÁGUA
APARTAMENTOS PRONTOS A HABITAR
APROVEITE AGORA A ISENÇÃO DA SISA

VISITE NO LOCAL O APARTAMENTO MODELO
Dias úteis: das 11 às 13 e das 15 às 19 horas
Sábados e Domingos: das 10 às 13 e das 15 às 19 horas

Sociedade de Construções do Corgo, Lda.

TRATA: EMACO
R. Viriato, 25-5.º — Telef. 53 90 16/7 — LISBOA
Telef. do local de vendas: 00 89/6 56 43

Cristãos de Loulé apelam contra a proscrição das Testemunhas de Jeová na Argentina

P

Muitas das Testemunhas de Jeová na área de Loulé irão escrever cartas de apoio aos órgãos de soberania na Argentina, onde a sua associação cristã está presentemente debaixo de proscrição.

Augusto Martins, superintendente presidente da congregação de Loulé das Testemunhas de Jeová, explicou que agora foi iniciado um esforço geral com o envio de cartas de apoio. Isto acontece devido a terem falhado todos os recursos legais para restituir a liberdade de adoração às Testemunhas de Jeová na Argentina.

«Em Setembro de 1976, «Martins, explicou, «o governo Argentino anunciou que as Testemunhas de Jeová foram proscritas de praticar a sua religião. Seguiram-se demorados processos legais quando as Testemunhas de Jeová apelaram a proscrição por meio do sistema judicial Argentino. Finalmente, em Fevereiro de 1978, fontes noticiosas na Argentina declararam: O SUPREMO TRIBUNAL MANTÉM O DECRETO-LEI DA PROSCRIÇÃO DAS TESTEMUNHAS DE JEOVÁ! A proscrição tem estado em vigor desde então».

Martins, disse que um relatório proveniente da sede das Testemunhas de Jeová em Nova Iorque indicou que a proscrição tem resultado em perseguição às Testemunhas de Jeová na Argentina. Os locais de reuniões para o estudo da Bíblia foram encerrados, crianças foram expulsas das escolas, as suas casas particulares foram invadidas, realizaram-se prisões e até mesmo agressões físicas.

Chamando a proscrição de injusta, Martins continuou a descrever a atividade das Testemunhas de Jeová na Argentina. «As Testemunhas de Jeová», relatou ele, «compõem uma sociedade de cristãos pacíficos. As 33.000 Testemunhas de Jeová na Argentina, assim como as Testemunhas em Portugal e também em cada uma das 214 nações onde elas são ativas, reunem-se regularmente para estudar a Bíblia e oferecerem ajuda a outras pessoas para aprender mais acerca da Palavra de Deus. Elas advogam a aderência às normas morais da Bíblia, amor a Deus e ao próximo e uma boa vida familiar cristã».

Com respeito a como as Testemunhas de Jeová encaram as autoridades governamentais, Martins, referiu-se à Bíblia, em Tito, capítulo 3, versículo 1, onde, disse ele, «os cristãos são ordenados "a estar sujeitos e a ser obedientes a governos e autoridades como governantes". Esta é a posição que as Testemunhas de Jeová tomam ao redor do mundo, inclusive na Argentina. As Testemunhas de Jeová não são subversivas. Eles são cristãos cumpridores da lei, os quais colocam a adoração a Deus em primeiro lugar nas suas vidas».

Interrogado acerca da natureza das cartas a serem escritas, Martins explicou que elas deveriam ser um apelo à justiça. Tudo o que estamos a tentar fazer, «disse ele», é encorajar respeitadamente as autoridades existentes na Argentina a tomar os passos necessários para restituir a liberdade a uma minoria cristã, as Testemunhas de Jeová».

Durante as próximas semanas, Martins declarou, as Testemunhas de Jeová irão distribuir ao público um exemplar da sua revista «Despertail», que inclui uma reportagem detalhada acerca da perseguição na Argentina assim como uma lista dos nomes e endereços de altas individualidades dos órgãos de soberania na Argentina, para os quais as pessoas interessadas poderão escrever.

LOULÉ



**EDUARDO CORREIA
AGRADECIMENTO**

Sua esposa, Beatriz Vitória Correia, receando cometer qualquer falta involuntária, por desconhecimento de moradas de todas as pessoas que de qualquer forma compartilharam da sua dor, vem tornar público o seu mais profundo reconhecimento a quantos se dignaram acompanhar o saudoso extinto à sua última morada, numa sentida manifestação de pesar que não pode de esquecer.

Agência Cavaco

ESCRITAS

A C E I T A M - S E

Tratar na Rua 3 à Av. Infante de Sagres, Lote 4-4.º Dt.º
QUARTEIRA

(2-2)

TERRENOS ALGARVE

QUINTAS, FAZENDAS, COURELAS (C/ OU S/
CASA).

PARA TODAS AS DIMENSÕES, PREÇOS E LO-
CALIZAÇÕES.

COMPRA E VENDE: JOSÉ VIEGAS BOTA —
R. SERPA PINTO, 9 — TELEF. 62634 — LOULÉ.

(6-2)

PROPRIEDADE COMPRA-SE

Propriedade rústica de preferência inculta, com mais de 20 hectares, compra-se, de baixo preço, entre Loulé e Vila Real de S. António.

Nesta redacção se informa.

Entrevista com J. Ferreira Torres

Membro da Assembleia Municipal de Loulé

(continuação da pág. 1)
crático e centralizador daqueles que nas suas campanhas eleitorais mais pregaram a descentralização.

O nosso colaborador Luís Pereira, dialogou com o sr. José Ferreira Torres, um dos fundadores do Partido Social Democrata de Loulé, e representante do mesmo à Assembleia Municipal. Um diálogo cordial, sério e positivo, que ajuda os senhores leitores a compreenderem melhor os problemas que afligem o concelho de Loulé.

Voz de Loulé — A minha primeira pergunta é, fundamentalmente, de carácter político. Sendo a Presidência da Câmara de Loulé confiada ao Partido Socialista, em sua opinião, acha que os socialistas têm-se preocupado mais em defender os seus interesses partidários ou em resolver os problemas do Município?

Ferreira Torres — A primeira visita pode recolher-se a impressão de que a Presidência da Câmara poderá desviar-se mais para a defesa do partido que a propôs ou seja o PS. Não há dúvida que a opinião pública sabe através dos comentários dos jornais que a vida partidária neste País está infelizmente subordinada ao compadrio e à clientela política do partido a que cada um pertence, factor este que tem contribuído para a completa desorientação política de que o País tem sido vítima. Contudo, a mim, parece-me, pelas actividades que tenho desenvolvido na Assembleia Municipal, que a pessoa em questão, neste caso o Presidente da Câmara, tem procurado ser o mais isento possível nas suas decisões. Devo acrescentar que o lugar, sendo de administração pública, é também fortemente político e como tal sujeito a manipulações que muitas vezes escapa ao observador.

— Que tipo de manipulações admite que possam existir?

— Manipulações de origem partidária...

...O NÃO ABASTECIMENTO DE ÁGUA A BOLIQUEIME ENCONTRA A SUA CAUSA PRINCIPAL NA FALTA DE VERBA...

Voz de Loulé — E agora voltados para os problemas mais candentes que afligem o Concelho. Começarei pelo abastecimento de água a Boliqueime. No plano de actividades da Câmara, contava-se, entre outros pontos, o fornecimento de água a esta freguesia dentro de um prazo já ultrapassado. Em entrevista dada à «A Voz de Loulé» de 16-6-77, o presidente do município, afirmou:

...pois o abastecimento de Boliqueime, neste momento é uma realidade. A obra está adjudicada...». Há bem pouco tempo alguns órgãos de comunicação social referiram-se à inauguração do respectivo abastecimento. A verdade é que a população boliqueimense continua sem água e ainda não sabe quando ela chegará. Será que a verba foi desviada para outros fins? Que se lhe figura dizer sobre este assunto?

F. T. — Na minha actuação como membro da Assembleia não tive, até agora, qualquer conhecimento de desvio de verbas de obras a executar para fins diferentes. Como deve ter conhecimento, a Assembleia aprovou o plano de actividades para 1978, em Dezembro de 1977. Nesse plano constam todas as obras a executar e se houvesse algum desvio naturalmente que verificarmos o facto. A realidade é que o não abastecimento de água a Boliqueime encontra a sua causa principal na falta de verba que o município não recebeu do Estado para essas obras. Como exemplo, mostro-lhe o relatório da geração de 1977 donde constam as verbas orçamentadas em Esc. 111 243 109\$00, em que a Tesouraria da Câmara só recebeu do Estado 45 852 035\$90, sendo portanto a diferença ou o que a Câ-

mara não recebeu de 65 391 073\$10. Assim creio que a explicação é facilmente aceitável para não se ter concluído não só a obra de Boliqueime como as de outras freguesias do concelho.

V. L. — Sobre a electrificação do concelho e do arranjo de caminhos. Alguns municípios estão dispostos a contribuir com uma verba, dentro das suas possibilidades, desde que a Câmara os auxilie, quer no aspecto financeiro quer no aspecto técnico, pondo à sua disposição máquinas e mão-de-obra. Por exemplo, desde a Maritenda às Benfarras, zona em pleno desenvolvimento comercial e agrícola junto à estrada nacional n.º 125, a população alumia-se ainda à luz de um candeeiro a petróleo ou a gás. Alguns boliqueimenses afirmam que a Câmara não apoia a freguesia por motivos de discordância política. Como elemento do PSD e sendo Boliqueime uma região fortemente social-democrata, que pensa destas interpretações e da falta de apoio da Câmara Municipal?

F. T. — Quanto à electrificação dessa área apresentei na Assembleia uma proposta destinada à cobertura das necessidades eléctricas dessa zona de desenvolvimento socio-económico, a qual foi atendida e, mais tarde, tive conhecimento pelos jornais que a obra estava submetida a concurso pelos serviços municipalizados de Faro. Acontece é que, tanto em execução de obras como em meios financeiros para os mesmos, o problema não tem tido a exequibilidade tão pronta como as necessidades das populações exigem. Não acredito que haja ou possa haver marginalização de ordem política num conjunto de obras planeadas, porque a dar-se tal marginalização seria constatado pelos serviços da Assembleia, que além de deliberativos são também fiscalizadores. Além disso, a freguesia de Boliqueime tem no executivo da Câmara um vereador que naturalmente daria por esses desvios.

«SOBRE PLANEAMENTO URBANÍSTICO DAS FREGUESIAS DE BOLIQUEIME E ALTE, INCLUIDAS NUMA ESPÉCIE DE PLANO GERAL DE BOA PARTE DAS FREGUESIAS DO CONCELHO, A IDEIA, ATÉ AGORA NÃO PASSOU DO CAMPO DAS INTENÇÕES»

V. L. — No quadro de urbanização, o Presidente da Câmara afirmou nessa mesma entrevista que o concelho de Loulé nunca teve qualquer urbanização, nem na sede, nem nas suas freguesias. Referiu-se, concretamente, às zonas de Quarteira-Vilamoura, Boliqueime e Alte, todas elas carecidas de um plano de desenvolvimento da construção. Sabendo da história do bairro da lata que abrange grande parte da zona turística Quarteira-Vilamoura, gostaria de lhe perguntar, se é esse efectivamente o novo plano de urbanização da Câmara uma vez que ela tem conhecimento do respetivo bairro em desenvolvimento, que se prolonga já até à margem do hotel D. Pedro.

F. T. — Tanto quanto julgo saber só Loulé e Quarteira têm planos — não posso aqui precisar se são planos ou ante-planos de urbanização. O de Vilamoura também já foi executado pelos serviços técnicos da empresa proprietária e aprovada pelas entidades oficiais competentes. Sobre planeamento urbanístico das freguesias de Boliqueime e Alte, incluídas numa espécie de plano geral de boa parte das freguesias do concelho, a ideia, até agora não passou do campo das intenções. E porquê? A vastidão da obra e o volume dos meios financeiros a utilizar creio ter sido um dos obstáculos impeditivos da concretização da ideia. Contudo, sou apóloga de que se deveria avançar, pelo menos, no traçado desse plano geral.

Quanto ao bairro da lata, é bem o quadro vivo e consequencial da chamada «Descolonização exemplar», se repararmos que a maioria dos seus ocupantes são retornados. É desolador pelas condições infra-humanas a que se sujeitam os seus habitantes e como quadro social é dos de mais baixo sub-desenvolvimento, tudo isto como nódoa negra no belo cenário de uma das zonas turísticas da maior relevância. A solução só pode proceder da prévia construção de bairros sociais apropriados para o efeito, pois não cabe na cabeça de ninguém desocupar esses «bidonvilles» por outra via que não seja da transferência, desejável a todos os títulos, de habitações horríveis para outras sofríveis.

V. L. — O mal está feito. Mas por que motivo não se impedi o desenvolvimento dessa «epidemia», uma vez que se continua a construir esses barracões?

F. T. — Não é possível haver um fiscal a vigiar as acções isoladas de cada cidadão e como tal verificamos no quotidiano da vida social a prática constante de ilegalidades.

V. L. — Se continuamos cedidos de aglomerações habitacionais. Se cada vez se torna mais atraente a procura de uma casa para morar. Se as rendas estão cada vez mais caras. Se é extremamente difícil conseguir um pequeno terreno para uma casa em Loulé. Se o sonho da maioria dos emigrantes é voltar à sua terra natal e construir uma casa num lugar onde possa fazer uma horta. Se o campo está cada vez mais abandonado em consequência da fuga das populações para os centros urbanos por que razão a Câmara dificulta tanto a urbanização, sabendo que os problemas de habitação são de grande importância social? Agradeço que se refira às leis de urbanização em vigor.

F. T. — As questões postas têm muita pertinência. Carecem, porém, de quem saiba traduzir os porquês das dificuldades opostas a quem quer construir habitações. Ao propor-me que me refira às leis de urbanização, a resposta mais ajustada talvez seja em latim: «dura lex, sed lex». Juridicamente desconheço as linhas com que se cose a urbanização. Pela via prática, ou melhor pelos conhecimentos adquiridos, qualquer um dos nossos construtores dirá-nos-a que onde há um plano orientador ou director as construções têm de obedecer à sua textura arquitectónica e à rigidez das suas normas. Resumindo: numas áreas há zonas verdes a respeitar, noutras há arruamentos e alinhamentos a cumprir, etc. Onde não existe plano, intervêm as leis do futeamento e a necessidade de infraestruturas (saneamento básico, electrificação, etc.). Enfim, um somatório de problemas envolvendo posturas municipais e leis gerais a satisfazer, ao requerer-se licença de construção.

Como toda a problemática exposta tem bastante interesse conto vir a submetê-la a esclarecimento numa das próximas sessões da Assembleia Municipal. Entretanto, convém acrescentar que o calcnar de Aquiles na construção chama-se a Lei do Ordenamento Territorial dos Solos, isto é, todas as terras de zonas rurais com boa aptidão para a agricultura não podem ser utilizadas para a construção.

(Conclui no próximo número)

APARTAMENTO

Vende próprio, junto praia Olhos d'Água, 3 quartos. Alcatifado, 1 450 000\$00, facilidades de pagamento.

Resposta a este jornal ao n.º 29.

(1-1)

FALECIMENTOS

Após prolongada doença, faleceu em Lisboa, no passado dia 9, a sr.ª D. Maria Natércia Ramos Monteiro Rosal, viúva do nosso prezado conterrâneo e amigo sr. Coronel Manuel de Sousa Rosal Júnior, também recentemente falecido.

Senhora de esmerada educação e do mais fino trato, a saudosa extinta era natural de Messines e mãe das sras. D. Maria Ivone Monteiro Rosal Tengarrinha Pires e Dr.º D. Maria Regina Monteiro Rosal Gonçalves; sogra dos srs. Vice-Almirante António Tengarrinha Pires e Dr. Mário Castelo Branco Gonçalves e avó das sras. D. Maria Teresa Rosal Cruz Cabral e D. Maria Regina Rosal Gonçalves e dos srs. Dr. José Manuel Rosal Gonçalves, médico em Tavira; António Manuel Rosal Cruz Cabral e Pedro Manuel Rosal Gonçalves.

No Hospital de Loulé, aonde se deslocara para tirar uma radiografia

f. f., faleceu subitamente, no passado dia 18 de Outubro, o nosso conterrâneo, prezado amigo e assinante sr. Eduardo Correia (mais conhecido por Eduardo Magrinho) que foi conceituado comerciante da nossa praça e cabeleireiro de senhoras durante mais de 50 anos.

O saudoso extinto era pessoa muito conhecida e estimada por quantos com ele conviveram e admiravam a lheaneza do seu caráter e a bondade do seu coração.

Contava 72 anos de idade e era pai do nosso conterrâneo sr. Eduardo José Passos Correia e deixou viúva a sr.ª D. Beatriz Victoria B. Correia, com quem contraiu 2.º matrimónio há cerca de 4 anos.

Era irmão da sr.ª D. Maria das Dores Correia Guerreiro e do sr. António Correia. Deixou 2 netos.

Vítima de acidente, faleceu no passado dia 20 de Outubro, a sr.ª D. Antónia Constantina da Silva, natural de Clareanes, que contava 74 anos de idade e deixou viúvo o sr. António Luiz.

A saudosa extinta era mãe dos srs. Manuel da Silva Luiz, casado com a sr.ª D. Maria Mendes Guerreiro, António da Silva Luiz, casado com a sr.ª D. Maria Tereza Gonçalves, João da Silva Luiz (falecido) e da sr.ª D. Lucília da Silva Luiz, casada com o sr. Augusto Costa Gonçalves. Deixou 8 netos e 4 bisnetos.

As famílias enlutadas endereçamos sentidas condolências.

MERCEARIA

TRESPASSA-SE

Com casa de habitação, na Rua Afonso de Albuquerque. Por motivo de doença.

Trata V.º de Joaquim Gonçalves Viegas — Telef. 62417 — LOULÉ.

(1-1)

ARMAZÉM — PRECISA-SE

(Entre Poço de Boliqueime e Olhão)

CASAMENTO

Realizou-se no passado dia 21 de Outubro, na Igreja do Barranco do Velho, o enlace matrimonial do nosso prezado amigo e assinante, sr. Geraldo da Costa Rafael, funcionário da Casa do Povo do Ameixial, filho do sr. António Rafael e da sr.ª D. Maria Rodrigues da Costa, residentes no Monte dos Besteiros, com a sr.ª D. Maria Feliciana Afonso do Brito, professora primária, natural dos Vilariços, filha do sr. Joaquim do Brito Diogo e da sr.ª D. Catarina Afonso do Brito.

Foram padrinhos dos noivos, as sras. dr.ª D. Maria Júlia Costa, D. Maria do Rosário Mendença, D. Maria Ivone Carvalho, professora primária e dr.º D. Maria Isabel Pinto.

Ao jovem e simpático casal, que fixou residência em S. Brás de Alportel, endereçamos os nossos sinceros parabéns e os nossos melhores votos de uma vida conjugal muito feliz.

M. F. F.

Cervejaria-Café

PEREIRAS

Joaquim Lopes Guerreiro

Tem o prazer de comunicar a todos os seus amigos e ao público em geral que acaba de abrir um estabelecimento Cervejaria-Café nas Pereiras de Cima (Quarteira), junto à Estrada Nacional onde serve os mais variados petiscos, frangos assados no churrasco, etc., etc..

Pode também utilizar a sala de jogos como agradável passatempo. Visite-nos e experimente os nossos pratos. Telef. 62950.

Táxis de encomenda em Quarteira?

Ninguém ignora ou desmente a falta de táxis em Quarteira nos meses de verão. Não é o mal maior, mas constitui, no entanto, uma carência a merecer reparo. Assim, cumpre-nos agradecer até certo ponto ao sr. Viegas, o ter focado uma das muitas carências desta Quarteira. Até porque escolheu como pano de fundo as classes menos privilegiadas, focando como principal imagem um interesse privado minoritário, só lhe faltando o colorido de monopólio!

Ignorou o sr. J.C.V. ou os seus informadores, de que a Rodoviária Nacional, empresa de nós todos, ainda não se dignou, pelo menos no verão, a satisfazer Quarteira e seus arredores com carreiras de ligação aos principais comboios. Ignorou também todas as restantes carências, aliás aceitáveis, na justa medida em que a população nos meses de verão sobe na ordem dos 500%.

Depreende-se, do seu anteultimo parágrafo, com o sabor aparente de justiça social, (tão apregoado mas pouco cumprido), que os táxis deveriam estar permanentemente ao serviço do público. Deduz-se daí, que o último táxi só poderia sair quando chegassem um colega. Só assim poderia existir a tal permanência.

Sabe porventura o sr. Viegas, que essa permanência obrigava a 3 motoristas para cada táxi? Sabe, por exemplo, que um motorista, como qualquer outro ser humano só deveria estar ao serviço 9 horas por dia? Os táxis, como qualquer outro comerciante, tentam defender os seus interesses, na justíssima e razoável tentativa da sobrevivência.

Hoje em dia, um veículo automóvel em condições para táxi, custa em média 500 contos, ao juro de 15% renderia num ano 75 contos, 200\$00 por dia. Um só motorista ainda que seja o dono, porque tem estômago, família e casa, tem direito para sobreviver a 400\$00 por dia, um dia de descanso por semana, um mês de férias, subsídio das mesmas e décimo terceiro mês. Se acrescentarmos a isto os impostos, seguros e outras alcavalas, não falando da Previdência porque é o próprio, temos pelo mínimo que, um táxi ao iniciar o seu labor em cada dia, inicia com uma despesa garantida de 700\$00. Só a partir daí começa a pingar quantidade suficiente para entrar na reserva invernal.

Eis a razão pouco justificada, da maioria dos táxis não aceitarem a encomenda antecipada de serviços (Turistas de Alcôchete) daqueles que vêm a Quarteira uma vez por ano, necessitando de táxi da Estação ou das camionetas até a casa para o transporte neste último caso das suas malas. São esses que mais criticam a falta de táxis, como se este meio de transporte pudesse manter-se com clientes de 25\$00 ao ano.

Se ainda existissem moços de

Facilidades nos estudos para funcionários públicos

Em Conselho de Ministros, foi decidido conceder também este ano facilidades para efeito de estudos e prestação de provas escolares aos funcionários e agentes do Estado e demais entidades públicas que exerçam funções a tempo completo e pretendem frequentar cursos dos vários graus de ensino, com vista à obtenção de grau académico que lhes permita progredir nas carreiras da função pública.

fretes, estes exigiriam 50\$00 para tal serviço, enquanto o táxi cobra 25 mesmo transportando os clientes e bagagem.

Vamos então passar ao campo das realidades palpáveis e possíveis. Quarteira tem falta para a próxima época, de mais 2/3 táxis ficando o contingente em 7 que embora no inverno se vejam em dificuldades, uma melhor colaboração entre os táxicos poderá surprender algumas dificuldades. Outra opinião seria a deslocação de 3 táxis de Loulé durante a época balnear para esta praça, em regime rotativo. Seria uma solução ajustada já que Loulé no Verão não é famoso em serviço. A atestá-lo está a última época, que vários táxis preferiram colaborar com as Agências de Viagem.

MANUEL FARIA

RIVALIDADES ANTIGAS

entre a «Música Velha» e a «Música Nova»

As rivalidades ficaram apenas nos crónicas locais e na lembrança dos mais prolectos que ainda guardam imagens (saudosas) do Loulé-Antigo, quando a vila se repartia competitivamente, em duas freguesias (a de S. Clemente e a de S. Sebastião) e cada um destes agregados possuía a sua banda representativa, respectivamente, a «Música Velha» ou a Filarmónica «União Marçal Pacheco» e a Banda Filarmónica Artistas de Minerva ou a «Música Nova».

Muita celeuma e até desaguisados à mistura se travaram entre os seus ferrenhos adeptos e filiados durante um ror de anos. Afinal de contas, as duas filarmónicas completavam-se e davam cartas, de parceria, como verdadeiros embaixadores expoentes de arte musical popular regional.

O tempo girou e a «Música Velha» deixou de marcar presença, ficando apenas actuante, mas ainda assim, arrostando alguns esporádicos vicissitudes, a «Música Nova».

Não se conformam porém os mais saudosistas com o marasmo em que caiu a «Música Velha», e de quando em vez ainda se ouve falar no seu ressurgimento.

Embora «água passadas não movam moinhos», para dar ideia da rivalidade existente nos seus tempos áureos, e até como curiosa e pitoresca nota histórica que o tempo mais realça, transcrevemos um panfleto da autoria do Regente da Filarmónica «União Marçal Pacheco», a propósito dos atributos propalados sobre a Filarmónica «Artistas de Minerva», com os quais não condescendeu:

AO PÚBLICO

A inocência junta à ignorância atrevida... pode muito!

Apareceu no Domingo, 26 de Abril, dia em que se realizou a festa de N. S. da Piedade, uns papeluchos que afirmavam a Filarmónica «Artistas de Minerva» se encontrava devidamente organizada, e a poder competir com as melhores do Paiz!!! Chibal... assinando os ditos papeluchos, os Filarmónicos.

Ora esse páteta julga que não lhe conhecemos o seu palavrão? Então assim é que se comprometem os Filarmónicos e o seu chefe que não tem culpa das suas boboseiras? tudo para se livrar à responsabilidade do seu ignorante atrevimento? Ora venha cá seu pérvo.

A Filarmónica «União Marçal Pacheco» encontra-se devidamen-

EVOCANDO O PASSADO PENSANDO NO FUTURO

(continuação da pág. 1)
atmosfera moral que se respira no convívio de uma pequena vila onde todos se conhecem. As gentes interessam-se por vezes mais pela vida alheia do que da sua própria.

Influenciado pela leitura de uns livros que lemos então, o Padre Bernardo em particular, que havia abandonado a Faculdade de Coimbra para ingressar na Ordem dos padres Beneditinos, decidimos nós também, entrar para o Convento. Informados sobre a actividade das diversas ordens religiosas, hesitávamos então, na escolha. Seduzia-nos os jesuítas pela sua cultura, os dominicanos pela elegância do hábito branco, e os salesianos de D. Bosco, pela sua actividade em prol da juventude pobre e abandonada. Decidimos por estes últimos e uma vez contactados, o superior geral mandou-nos apresentar no Colégio de Sevilha e dali fomos conduzidos a Barcelona. Ali, na capital da Catalunha, nasceu certamente a nos-

sa vocação secreta de jornalista, com a publicação dum artigo no jornal do Colégio. Outros se seguiram e cerca de três anos depois, obtivemos o primeiro prémio de um concurso da melhor composição sobre o Tibidabo, (montanha religiosa) uma espécie de Bom Jesus do Monte, de Braga. O primeiro prémio consistiu na publicação desse trabalho, no grande jornal espanhol, «La Vanguardia». Cremos hoje, que esse trabalho condicionou o mundo de contradições ideológicas e morais, que deviam condicionar o nosso destino. Ali naquele colégio lemos os primeiros livros clandestinos, ali tomamos contacto com os anarquistas espanhóis e aos quais devia ficar ligado; uma parte notável da nossa juventude.

Sem abandonar o contacto com os anarquistas, regressamos a Portugal e fomos professar, fazer os votos de obediência, pobreza e castidade, no Colégio dos padres Salesianos em Mogofores. Uma vez professor Frei Martins,

assim passamos a ser chamados, foi estudar filosofia para o Colégio da mesma congregação no Estoril. Terminados esses estudos fomos fazer o tirocinio previsto pelas regras da congregação, nas oficinas de São José em Lisboa antes de iniciar os estudos superiores de teologia.

Após oito anos de vida religiosa, uma vez constatado que não possuímos vocação para ali continuar, solicitámos aos superiores a dispensa dos votos e regressamos ao mundo de onde havíamos partido. Talvez ainda mais envolvido em sonhos do que os que nos animavam quando para lá entramos. Entretanto a situação era diametralmente diferente.

Seria injusto não anotar aqui que aos padres Salesianos e só a eles, ficámos devendo, as bases da nossa educação.

Uma vez na rua, voltámos ao contacto com os anarquistas espanhóis e essas relações traduziram-se por cerca de sete anos de vida clandestina na qualidade de correspondente e distribuidor em Lisboa o jornal anarquista «Solidaridad Obrera», que era impresso em Barcelona. Praticamente fizemos a edição sozinho e sem essa longa e apaixonada tarefa, nunca teríamos vindo parar a Paris.

Que mundo de contradições não é verdade? O certo é que pela vida fona nunca soubemos lá muito bem distinguir, a diferença que possa existir entre um Francisco de Assis, um João Bosco, um Buda, um Tolstoi, um Prudhomme, um Sócrates, ou um Bakounine e tantos outros espíritos privilegiados no que neles existe de maravilhoso e sublime, no amor pelo bem da Humanidade. Todos esses e muitos outros grandes homens, viveram animados por um grande ideal de justiça, bondade e solidariedade humana. Tudo o que os separa aparentemente, na narrativa histórica, é por vezes obra do fanatismo, criado e desenvolvido por espíritos egoístas e mediocres. Os grandes homens, de todos os tempos, foram sempre almas tolerantes, boas e generosas.

Após cerca de trinta anos de trabalho contínuo na Imprensa internacional, de escrivinhador anônimo, de modesto biógrafo de homens, comentador da actividade política e não só, pensamos que não seria tempo perdido e inútil, fazer para os leitores do jornal da nossa terra, uma espécie de balanço de uma vida modesta mas pouco comum, deixando-lhe a elas a liberdade de julgar, do interesse que estas possam ter. Por outro lado — e essa é a razão maior deste artigo — é nossa intima convicção que a experiência de uns pode por vezes — segundo os casos — servir de estímulo e de advertência a outros. Sobretudo no mundo confuso e complexo, tecido de ideologias as mais variadas em que se debate a juventude de hoje. É certo que já não se procura refúgio nos conventos, por estar ultrapassado essa concepção de vida, mas a reflexão, o esclarecimento, o conhecimento de causa num mundo onde a intoxicação é a regra, impõe-se como dever elementar, para qualquer jovem que deseja ser mais alguma coisa do que simples instrumento de outros homens. É certo que nem sempre querer é poder...

Turistas suecos para o Algarve

O conselho de administração da Resso Star Tours, a principal agência de viagens da Escandinávia, proprietária do movimento sindical sueco, percorreu demoradamente os principais locais turísticos do Algarve.

Em reunião que lhes foi proporcionada pela Comissão Regional de Turismo do Algarve, os visitantes manifestaram interesse em incrementar as suas operações para o Algarve, com uma

ocupação já reservada para a próxima época de 1500 a 1800 camas.

Os directores da Resso, que são simultaneamente dirigentes sindicais, foram obsequiados com um jantar oferecido pela CRTA, cujo presidente, Cabrita Neto, teve oportunidade de esclarecer-lhes sobre a problemática sócio-turística e as potencialidades que o Algarve oferece.

QUE RESPONDA QUEM FOR HONESTO

— Qual o país comunista na Europa grandeada ou fora dela, onde haja mais que um partido — o seu?

— Qual o país comunista no Mundo em que vivemos que não seja absolutamente totalitário e não escravize os trabalhadores que dizem defender?

— Qual o país comunista onde não seja exercida a mais férrea e

brutal ditadura em nome do proletariado, o qual se move receosamente, por interdição da liberdade, que lhes cerceia os direitos e lhes mata aspirações?

— Qual o país comunista em que as doutrinas circulem livremente, sem serem impostas pela força dos tanques e dos canhões?

— Qual o país comunista em que o povo viva em regime au-

tenticamente democrático, com as inerentes garantias, segurança e melhoria do bem-estar social, que lhes proporcione o conforto dos países que rejeitam o domínio soviético?

Indique um só, um único, e renderemo-nos-emos incondicionalmente a esse regime de «redenção» da humanidade.

VIRIATO LISBOA

Quem nos governa, então?

Na balbúrdia política que se está vivendo quem é que nos governa?

Diz o rifão popular: muita cabeça, muita sentença; onde todos mandam ninguém é mandado.

Pois é!!! Da confusão, das disparidades de opiniões, da indisciplina, da anarquia, dos infinitos interesses, das manipulações aos lugares, aos empregos chorudos, à vida vivida no gozo do permanente rega-bofe, tais são as situações privilegiadas que aos oportunistas lhes acicata a gana de, através de todos os contratempos, de todos os obstáculos, lutarem por conseguirem uma vida de mando e de cofres à ordem.

Esta perturbação geral assim nos diz estar sucedendo!

Que poderosa vaca-leiteira que tanto leite tem dado aos bando assaltantes!!! Enfim...

Com a boa vontade de todos, que um dia há-de chegar, infali-

velmente — assim nos reza a história deste Velho Portugal — a Coisa Nacional tomará seu rumo natural. E que não demore são os votos dos autênticos portugueses que amam desinteressadamente o berço onde nasceram!

No entretanto esta terrível como afilhada interrogação:

— Quem nos governa, então? É o Zé-da-Rua, é a legião imensa dos políticos, são os sindicatos, são os partidos, são as comissões, são os grupos, são os defensores disto e daquilo, são os deputados, são os vários movimentos pró-isto e pró-aquilo...

É tudo a mandar, santo Deus!!! E o governo que foi votado à base da Constituição?

— Oh!... esse?... nada mandal Esse é o capacho dos políticos onde eles não se fartam de limpar os pés sujos de tanto vomitarem a bilis dos seus destemperos!

P. F.

Quando a pena é fiel ao sentir de quem a empunha

Para quem tenha sentimentos humanos, torna-se inconcebível e hediondo que seja classificado de famoso um acontecimento onde sucumbam vidas e sejam castrados destinos, sobretudo quando essas vidas e esses destinos são de nossos irmãos patrios! Por isso rotular a descolonização de «exemplar» significa: cuspir na cara dos Portugueses e espezinhar o cadáver dos nossos mortos.

Chamem-lhe só descolonização! Ou então coloquem-lhe o lebreiro exacto... Que a democracia me permita no seu terreno este desabafo, esta revolta íntima.

Canadá, 8/10/78.

JOAQUIM AFONSO REVEZ

ERA UMA VEZ...

— 12 —

Era uma vez grande matilha de cães que o dono encarregou de guardar contra os lobos imenso couto, onde havia toda a espécie de bicharada, desde colhos e lebres até aos elefantes...

— Tratem bem toda esta bicha e estejam sempre alerta contra os lobos e chacais...

— Mas havemos de defender também os gatos, nossos inimigos desde sempre?

— Defendei também os gatos. — E se eles se assanharem contra nós?

— Tratai-os com caridade. Serviços de ação psicológica, aconselhai-os, fazei que se assosseguem.

— E os cães lá foram cumprindo (alguns fingindo que cumpriram) as ordens recebidas.

Os lobos, ao saberem que os cães estavam proibidos de atacar os gatos, mesmo assanhados, trattaram de se rodear de felinos.

— Se Cambises conquistou o Egito, fazendo com que cada soldado levasse ao colo um gato — animal sagrado que os Egípcios adoravam — por que não usaremos nós o mesmo processo? — diziam os lobos.

E não só cada lobo se parapetou por detrás dum gato, se não que os treinaram e introduziram na coutada.

Ainda que o dono continuasse a insistir para que todos os animais fossem bem tratados, alguns dos cães, às vezes, perdiam a paciência e atiravam-se aos gatos em desassossego. Logo os lobos,

que espreitavam do outro lado da palizada, levantavam um coro de protestos:

— Bichos maus e assassinos! Isto é que é caridade?

Mesmo dentro do couto, mesmo entre os cães havia quem só não concordasse no seu íntimo com aquela «violência», mas o proclamassem em altos brados, não como correção fraterna, não por denúncia caridosa ao superior que podia corrigir o mal, mas pelo gosto tão «canino» de morder nos outros.

Com a divisão, o mal-estar aumentava. Todos os bichos andavam divididos, desconfiados uns dos outros. De tal modo se desorientaram que já se não sabia de que lado estava a justiça e a razão, o que era bem e o que o não era.

Até houve bichos que julgaram que os seus libertadores eram os lobos e chegaram mesmo a pôr-se ao lado deles, ajudando-os com comida, com abrigo, alguma incursão por eles feita na coutada. Camuflando-os, fazendo-lhes a tradução das ideias lupinas em linguagem a que cães e mais bichos estavam acostumados.

Não faltaram mesmo lobos que, com pele de cão, circulassem disfarçados entre os cães.

Muitos dos cães mais velhos que tinham ficado lá para trás, entregue à sua vida normal de cão anterior a todo aquele pandemónio, acordaram estremunhados, custou-lhes entender o que se passava, a adaptar-se à nossa vida.

Os que já andavam na balbúrdia chamavam-nos «integristas» e para si próprios tomavam o apoio de «progressistas».

Os progressistas acharam mesmo que era uma bênção o aparecimento dos lobos porque viriam destruir toda a segurança dos integristas, desmistificar a sua vida e as suas ideias, dar-lhes uma concepção nova e verdadeira da vida, que os integristas em tempo nenhum da história tinham sabido compreender.

E a luta acabou por ser não entre cães e lobos, para defesa da coutada, mas entre cães integristas e cães progressistas, enquanto os lobos iam sofregamente devorando a bicharada...

Se a fábula tem muitos pontos de contacto com a história dos homens dos nossos dias, não se admira o leitor. Já desde Escopo (e muito antes dele) que os homens costumam transpor para os animais as suas virtudes e defeitos. E na Idade Média, sabemos como as gentes se deleitavam com os Bestiários e as Zoologias morais.

Deixando, agora, as aplicações políticas, que cada um fará a gosto das suas tendências, olhemos ao aspecto moral e religioso.

Não vemos na Igreja, melhor, entre os filhos da Igreja, esta tremenda divisão entre «integristas» e «progressistas»?

APONTAMENTO

UM POETA DE QUERENÇA QUE EU DESCONHECIA

Pessoa amiga, conhecadora do meu interesse por tudo quanto respeite ao Algarve, teve a gentileza de me enviar a revista «Natureza e Paisagem» da Secretaria de Estado do Ambiente, na qual, para além de alguns apontamentos históricos sobre Castro Marim, publica um artigo do Dr. Manuel Viegas Guerreiro, prof. catedrático da Faculdade de Letras de Lisboa, onde nos fala de um poeta popular de Querença, Manuel da Silva Varejota, que teria nascido por volta de 1869, e morreu muito novo, apenas com 33 anos, e a quem a poesia andou sempre na alma.

Este poeta, que sabia ler e escrever, vivia do amonto das suas corefas, e segundo o Dr. Manuel Viegas Guerreiro, compôs muitas «quadras» algumas das quais mandou imprimir, e que devem andar dispersas.

Que foi, na verdade, poeta de muito talento, pode concluir-se até pelos versos que o artigo em referência transcreve, e nós não fugimos à tentação de o fazer também.

Assim, já perto da sua morte, nuns versos que dedicou à sua mulher, o tema era este:

Cobre-me o corpo com rosas, quando eu estiver no caixão,
E as mais lindas e vírginas
Põe-mas sobre o coração.

Porque a revista em questão, se prende, antes de mais, com a Natureza, Dr. Manuel Viegas distinguiu-a com o seguinte hino à terra do mesmo poeta:

A QUADRA

Eu na terra fui nascido,
Eu na terra fui criado,
A terra me há-de comer
Depois de ser sepultado.

Foi sem dúvida um poeta-filósofo, este Manuel Varejota. A sua inspiração é bíblica e humanística, e por isso, bem merece ser recordado.

Era um poeta, para mim desconhecido, se não fora o cuidado do sr. Dr. Manuel Viegas Guerreiro, trazê-lo à liga da publicidade, e como eu, certamente muitos outros.

Bem andaria a Junta de Freguesia de Querença — ou qualquer outra instituição de carácter cultural do nosso concelho — se conseguisse reunir e publicar toda a obra deste poeta.

MACHADO PINTO

BOQUEIRÕES



Pelo lápis afiado de LUIS PEREIRA

Há quem diga que o Presidente da Junta de Boliqueime ainda não foi atendido pelo Presidente da Câmara de Loulé por pertencerem a partidos diferentes.

No interior da «cidade da lata», entre Quarteira e Vilamoura, os retornados das ex-colônias vão construir um hotel de cinco estrelas para competir com a Lusotur e a Grão-Pará.

Uma mulher bem arranjada, idade aceitável e bom pernão, deixou subitamente de dormir com o marido por este se inclinar para a bura de vizinha...

Numa consulta à população de Boliqueime, com vista à electrificação da zona Maritenda-Benfarras, passando por Monte João e Vale Covo, um cavalhei-

ro recusou-se a contribuir com algum dinheiro por pensar que já não iria ter luz durante a sua existência. O sujeito tem vinte e nove anos.

Diz-se, diz-se, que a «tasca» preferida para debater os problemas das autarquias é o Casino de Vilamoura.

Em Boliqueime os buracos da via pública são tapados com cimento pelos membros da Junta de Freguesia para facilitar o duro trabalho dos cantoneiros.

A droga no concelho de Loulé atinge proporções assustadoras. Um grupo de jovens bem intencionados já propôs a criação de «estufas» para que a erva cresça mais depressa, e uma cooperativa de modo a impedir os lucros exagerados dos intermediários.

Na exposição canina realizada na Aldeia das Açoiteias, venceu um cão de raça original: só tinha duas patas e andar erecto.

INFORME-SE AQUI

A CONSULTA QUE RESULTA

VI Semana Internacional Amador de Golfe em Vilamoura

Por iniciativa do Clube de Golf de Vilamoura terá lugar, no seu campo, de 11 a 19 de Novembro decorrente, a VI Semana Internacional Amador de Golfe, estando já assegurada a participação de numerosos concorrentes portugueses e estrangeiros.

De assinalar que entre 20 a 26, decorrerá o Torneio Amador Profissional da Inglaterra e entre 27 e 30 idêntico certame que contará com o patrocínio do Hotel Baia.

Em qualquer uma destas provas serão distribuídos profusos prémios aos melhor classificados.

Em qualquer destas 3 provas participarão 150 concorrentes, que é o limite máximo de capacidade (só agora atingida) do campo de Vilamoura e é claro testemunho de grande interesse internacional que estes torneios estão desportando.

Neste campeonato participarão jogadores de Portugal, Inglaterra, Escócia, Irlanda, País de Gales, Canadá, E. U. A., França, Holanda Alemanha Federal e outros.

ANTIGO DISCURSO FEITO EM ROTARY HÁ LONGOS ANOS ATRÁS

Minhas Senhoras e meus Senhores:

Esta coisa de sermos presidente de um Rotary Clube impõe-nos, por vezes, senão sempre, um «amargo punzir de acero espinhoso», o qual não é, precisamente, o da saudade, mas nem por isso, deixa de nos picar, incomodativo e fero.

Assim, não era eu, quem devia falar, nesta reunião, tão amiga de ambos os Clubes, mas outro qualquer companheiro, e muitos há, para não dizer todos, que, melhor o poderiam fazer. — E não se fale de falsa modéstia, porque, realmente, é assim: A maior ou menor facilidade, que cada um pode ter, para se expressar em público, não se compadece com a repetição amiudada; passe o plebiscito, é caso para lembrar, com a ajuda das donas de casa, que todos os dias, bacalhau ao almoço, acaba por nos fazer odiar o fiel amigo.

No entanto, noblesse oblige e não se diga que a reunião vai deixar de entrar em órbita, por falta de carburante palrador. Embora muito pouco convencido da propriedade desta «charla», como diria o falecido dr. Raúl Machado, aqui estou, a responder presente à intimação que me fizeram.

É evidente que a presença das senhoras cria, desde logo, um problema agudo, que é o do tema. Na última reunião, que tivemos, na sede, foram alvitados alguns assuntos. Acabámos por este mimo: — «Pois, se não tem assunto, fale você sobre turismo, que dá sempre assunto até mais ver».

E a maioria — ou terá sido, sem dúvida — a unanimidade? — «Cavou, olímpica e feroz, tanto mais que o caso não era com ela — «Está dito. Fale sobre turismo, que sempre interessa às senhoras».

Pálido e frio, constrangido, cordei, aterrado. «Que sim, que falaria sobre turismo». Mas, cá por dentro, aquele gnomozinho maldoso que se chama Consciência retumbou: — «Oh! Desgracado! Já viste onde te foste meter? Falar sobre turismo, no Algarve? Já pensaste que, isso, é, mal comparado como falar de corda, em casa de enforcado?» Depois, aquela Fada má, que se chama Preguiça, sombrinha maldosa e existencial, que, quase sempre, viu nascer todos os algarvios, adjuntou sornamente: — «Olha, o melhor é passares a passata a outro. E, se o não conseguires... adoece. — Isso; adoece, homem de Deus! — Se levaste a vida a passar atestados, aos outros, por que diabo não arranjias um atestadinho para ti? Mete atestado, homem!»

Porém, o espírito rotário de serviço, que já vai tendo direitos de cidade, em cada um de nós, veio à tona de água, e ao fim e ao cabo, aqui estou, com aquele ar de miúdo que vai levar uma coxa, confiado em que o vosso sentido crítico me deixe sair, sã e salvo, da alhada em que me meterei.

Para mim, turismo, é comunicação, aquele sentimento de consciência humana, que, dia após dia, parece caracterizar cada vez melhor, o tempo em que vivemos.

Turismo é, algumas vezes, tomado no sentido de egoísta comodidade, mas eu creio, pelo contrário, que tal não será, pois já dizia a minha Avó que, «não há melhor andar do que em casa estan». De facto, para quem prefira, acima de tudo, a comunidade, o melhor turismo ainda será a santa casinha ali, onde os chinéis dormem e os livros nos esperam, dentro, do ramerrão saícrossando do habitual. Quem sai de casa, mesmo que apoiado nos Loyds e nos Palaces, sempre passa, a si próprio, um atestado de inconformismo e de anticomodismo.

Asentemos, então, que, hoje em dia, ao fazermos turismo, buscamos encontrar novas facetas do viver humano; buscamos, numa palavra, «comunicar», ainda que, paradoxalmente nos vamos encravar, num Hotel, a jogar o bridge com três jarretas intratáveis.

O turismo sofrerá, assim, como grande denominador do ócio, — e atrevo-me a chamar a vossa atenção para o facto de a religião do ócio ser a grande preocupação dos nossos dias — o turismo sofrerá, assim, dizia eu, os rigores da técnica, pois a técnica hoje, abrange todas as grandes manifestações da actividade. Há, portanto, uma técnica do turismo, como há uma técnica para tudo o mais, até para pelar batatas. Sem elas, sem as técnicas, é de admitir que nem as batatas saiam convenientemente peladas, nem os turistas convenientemente servidos. Isto, que é evidente, dito deste modo informal e despresticioso, ainda não entrou nos nossos morigerados costumes, uma vez que não há, no nosso país, uma Escola de Turismo, em parte alguma; E isto, note-se, apesar de andarmos sempre a dizer que o futuro da nação está no dito turismo...

Mas, se me permitem, não será, ainda, desta faceta ou deste ângulo, que me atrevo a encarar o fenômeno Turístico. Para mim, rotário, para mim, pessoa individual e meridional curioso, o que mais me interessa é o fenômeno humano.

Explique-me melhor:

O que realmente me apaixona é a possibilidade de conhecer, concretamente, os meus irmãos europeus ou não, com quem contacto, já porque eles veem até mim — o que é o mais vulgar — já, também, porque eu vou até eles, o que, infelizmente raramente acontece.

Desta dialéctica — porque é rigorosamente uma dialéctica, surgem ideias novas e, o que é sumamente apreciável, surgem conhecimentos válidos. Dispensam-se ângulos escuros e temerosos. Ao conhecermos os outros, deixamos de temê-los. É um lugar comum da sabedoria universal o dizer-se, que nós só tememos aquilo que desconhecemos.

O homem, esteja onde estiver, viaje ou não, tenha ou não tenha dinheiro para fazer turismo, se conservar os olhos e o coração abertos, pode, realmente, amar o próximo, ao começar verdadeiramente a conhecê-lo. E este conhecimento, repito, deve-se, em grande parte, ao turismo. Ao turismo que vai mas, também, e graças a Deus, ao turismo que vem.

Ora no turismo, que recebe, ou no turismo que é recebido, não parece haver, aí, terreno igual a Rotary, onde ele medre e possa desenvolver todas as potencialidades que possue. Porque, em Rotary, não há interesses, que não sejam os de servir o próximo. Quem se ocupar de turismo, nos nossos clubes, nunca será suspeito de segundas intenções, nem de interesseiras maquinacões: Até nisto Rotary é aberto, humano e peregrinamente promissor.

Por outro lado, ao contactarmos, nos nossos Clubes, cá ou lá, com os diversos companheiros, sabemos de antemão, que estamos entre amigos, com gente que nos aceita, sem constrangimentos, nem preconceitos, e, por isso mesmo, com gente que é, francamente, a sua própria terra e o seu próprio ambiente. Com um rotário, numa mesa de companheirismo, não se sente a distância, que, por via de regra, separa os homens.

Rotary é, assim, uma plataforma para o turismo integral aquilo a que os economistas chamam, na fria linguagem dos números, uma infra-estrutura.

Rocheta Cassiano

(Continua)

Justificação Notarial

SECRETARIA NOTARIAL
DE LOULÉ

1.º CARTÓRIO

Notário: Licenciado Nuno
António da Rosa Pereira
da Silva

Certifico, para efeitos de publicação, que neste Cartório e no livro de notas para escrituras diversas, n.º A-103, de fls. 51 a 53, v., se encontra exarada uma escritura de justificação notarial, outorgada hoje, na qual Maria Catarina de Sousa e marido, Manuel Amem Martins, residentes no sítio dos Cavacos, freguesia de Quarteira, concelho de Loulé, se declararam donos e legítimos possuidores, com exclusão de outrém, do seguinte pré-dio:

Urbano, térreo, constituído por três divisões para habitação e logradouro, com a área total de trinta metros quadrados, no sítio dos Cavacos, freguesia de Quarteira, concelho de Loulé, confrontando do norte com Manuel Amaro, do nascente com caminho, do sul com João dos Santos e do poente com Inácio Maria, omissos na Conservatória do Registo Predial deste concelho, e inscrito na respectiva matriz predial, em nome dele justificante varão, sob o artigo número mil trezentos e cinquenta e seis, com o valor matricular de sete mil e quatrocentos escudos e a que atribuem o de onze mil escudos;

Que este prédio lhes pertence, por o haverem construído, inteiramente à sua custa, num talhão de terreno para construção urbana, com a referida área e confrontações, também omissos na Conservatória do Registo Predial deste concelho, e a desanexar do artigo rústico número mil setecentos e setenta e um, da referida freguesia de Quarteira, que seu pai e sogro, António Cova de Sousa, solteiro, maior, residente no aludido sítio dos Cavacos, formalmente doou à ora justificante mulher, sua filha, em três de Outubro de mil novecentos e setenta e três, por escritura lavrada a folhas setenta e três, do livro número C-370 e dois, de notas para escrituras diversas, deste Cartório;

Que atendendo ao disposto no artigo treze, número um, do Código do Registo Predial, não é aquela escritura título suficiente para registo, a verdade, porém, é que o referido António Cova de Sousa, era inicialmente dono e legítimo possuidor, também com exclusão de outrém, da totalidade daquele artigo número mil setecentos e setenta e um, que tem a seguinte composição:

Rústico, constituído por um terreno arenoso de se-

mear, com árvores e uma cabana, no sítio dos Cavacos, freguesia de Quarteira, concelho de Loulé, confrontando do norte com Joaquim de Brito Caldeireiro, do nascente com caminho, do sul com João dos Santos e do poente com Luís Rodrigues Cova, omissos na Conservatória do Registo Predial deste concelho, e inscrito na respectiva matriz predial sob o citado artigo número mil setecentos e setenta e um, com o valor matricular de mil cento e sessenta escudos; por quanto,

O mesmo lhe havia sido adjudicado e ficado a pertencer, em pagamento do seu quinhão hereditário, na partilha dos bens das heranças abertas por óbito de seus pais, José de Sousa e Adelaide Conceição, que foram casados um com o outro, segundo o regime da comunhão geral de bens e residiram no aludido sítio dos Cavacos, efectuada entre todos os seus herdeiros e interessados, em data imprecisa, mas que sabem ter sido por volta do ano de mil novecentos e trinta e oito, por mero contrato verbal, nunca reduzido a escritura pública; — sendo também certo,

Que desde a aludida data sempre o prédio rústico supra descrito, tem vindo a ser possuído, em nome próprio e sem a menor oposição de quem quer que fosse, possa sempre exercida sem interrupção e ostensivamente, com conhecimento de toda a gente, pacífica, contínua e publicamente, pelo que, na data em que foi doado, a ela justificante mulher, o aludido talhão de terreno para construção urbana, já o referido doador, António Cova de Sousa, o havia adquirido por

usufruir; consignando-se por último,

Que aparece como titular da referida inscrição matricular número mil setecentos e setenta e um, incorrectamente, também António Guerreiro Amaro, o qual é tão somente dono de um prédio urbano, também por o haver construído inteiramente à sua custa, num talhão de terreno para construção urbana, a desanexar daquele artigo mil setecentos e setenta e um, que seu pai e sogro, o referido António Cova de Sousa, lhe vendeu, desconhecendo eles justificantes, se a referida venda foi ou não titulada por escritura pública; e que do mesmo artigo mil setecentos e setenta e um, foi ainda desanexado um talhão de terreno para construção urbana, com a área de vinte e um metros quadrados, que seu pai e sogro, doou a Joaquim Guerreiro de Sousa e mulher, por escritura de vinte de Outubro de mil novecentos e setenta e seis, lavrada a folhas cento e quarenta e oito, do livro número B-200, de notas para escrituras diversas, deste Cartório;

Que em face do exposto, não têm eles justificantes possibilidade de comprovar o direito de propriedade perfeita, do referido António Cova de Sousa, sobre o prédio rústico supra descrito, de que foram feitas várias desanexações, pelos meios extrajudiciais normais.

Está conforme.

Secretaria Notarial de Loulé, 25 de Outubro de 1978.

O 2.º Ajudante,

Fernanda Fontes Santana

ESTAÇÃO DE AVISOS DO ALGARVE CITRINOS

«Mosca da fruta» ou «Mosca do Mediterrâneo» *Ceratitis Wied.*

Continua a verificar-se o registo de valores elevados na captura da «Mosca da fruta» em pomares onde estão instalados os nossos serviços biológicos, nomeadamente em Tavira, Olhão, Faro, Ludo e Silves.

O tempo tem decorrido muito favorável à evolução da «Mosca da fruta» durante o mês de Outubro, com temperaturas e humidades convenientes ao desenvolvimento e aumento das suas populações.

A lavagem dos frutos provoca pelas últimas chuvas, reduzindo o teor em substância activa do tratamento realizado, ou mesmo eliminando totalmente a ação desses pesticidas, pode comprometer a colheita imediata das variedades precoces de citrinos.

Estas razões invocadas justificam a nossa apreensão e por isso se recomenda imediatamente novo tratamento contra a «Mosca da fruta», desde que não comprometa o INTERVALO DE SEGURANÇA, que é o número de dias de espera entre o tratamento efectuado com determinado pesticida e a colheita, de modo a

não constituir perigo a quem consuma na sua alimentação os frutos ou os produtos hortícolas.

Sempre que se der o início dapanha dos frutos e a «Mosca da fruta» continuar presente, pode-se seguir o sistema de colocação de vassouras (grupos de 2-3 ramos de «caroíra» presos com arame na base, de modo a colarem-se facilmente nas pernas das ávores, que se desejem defender); as vassouras emergem numa calda de Dimetoato com 40% substância activa a 0,35% + Hidrolizado de proteína a 1% ou 1,5% e são cuidadosamente penduradas nas ávores, que estiverem em colheita. A imersão das vassouras na calda indicada é repetida semanalmente, até final da colheita.

Informamos que foi distribuída a circular n.º 3 de 23/Outubro/1978, pormenorizando detalhadamente todas as instruções, que achámos convenientes, pelo que aconselhamos os senhores citricultores, que estejam interessados em receber tais circulares, que se dirigam à Estação de Avisos do Algarve da Direcção Regional de Agricultura do Algarve, Rua do Município, n.º 13, r/c — Faro — Telefone 22284.

Condisionalismos da construção civil nas zonas rurais

(continuação da pág. 1) cupada com a sua óptica particular do que com o panorama global.

Cresceu ao que tudo indica, contudo, nestes últimos tempos, a procura de terrenos destinados à habitação, frequentes vezes situados fora das zonas urbanas. À luz da carência habitacional que lavra de forma afluente é compreensível tal interesse, pois admite-se que a parcela de terreno adquirida no campo é sempre, em termos pecuniários, mais módica e acessível do que aquela que é vendida nos centros populacionais, onde convergem interesses potenciais e competitivos.

Para confundir muitos interessados e possivelmente fermentar um clima favorável à especulação, ou talvez até por pura ignorância, tem corrido o rumor insistente de que é vedada toda e qualquer construção nas zonas rurais o que tem suscitado, como é bem de ver certo azedume e ressentimentos que tendem a propagar-se.

Ora não é bem assim e é diferente o que se passa, concretamente, no tocante à construção civil nos campos.

As restrições vigentes não impedem que o agricultor erija, nos seus terrenos, construções de apoio à sua exploração e que naturalmente são indispensáveis. Inclusivamente, a sua própria habitação.

Não sucederá assim a qualquer um outro que entenda, por exclusiva iniciativa própria erguer em qualquer parte a sua moradia, sem se submeter previamente à deliberação dos serviços responsáveis, que superintendem e decidem estas questões.

Embora sejam as autarquias locais ou as câmaras municipais, os organismos que recepcionam os requerimentos, solicitando as respectivas licenças de construção e os canalizam para as instâncias competentes, não são eles que resolvem, nem tão-pouco são os detentores da palavra decisiva.

Ao contrário do que muita gente supõe, os municípios, neste aspecto, são apenas intermediários e desempenham auxiliarmente o papel de informadores no tocante às formalidades a observar.

Para o efeito há mapas onde estão demarcadas as zonas de aptidão rural.

Segundo os seus trâmites, aspetos são endereçadas à Direção Regional da Agricultura do Algarve, que por seu turno transmi-

«O ENGRAXADOR»

«Engraxadores sem caixa há-os aos centos na cidade que só usam da tal graxa que envenena a sociedade». (António Aleixo)

CARIMBOS

Executam-se na
GRÁFICA LOULETANA
Rua Marechal Gomes da Costa
Telef. 62636 — LOULÉ

VENDE-SE

Uma courela com 3 hectares, situada no sítio de Mompôrvel (Loulé), confrontando com Alexandre Rosa da Ponte e Jacinto Guerreiro Dias e caminho.

— Uma propriedade sita na Campina de Baixo (Loulé) confrontando com Herdeiros de António Nunes Teixeira e Francisco Mendonça e Manuel Fernandes e caminho. Com 14 hectares.

Tratar com José Chagas — Telef. 62185 — Farmácia Chagas — LOULÉ.

te à Direcção Geral de Hidráulica e Engenharia Agrícola. É este organismo que providencia a deslocação de um técnico ao local visado, o qual aprecia («in loco») as condições e natureza do terreno.

Depende do parecer do técnico a classificação derradeira do terreno; se este é de aptidão «A» e se reune condições favoráveis à exploração agrícola, ou vice-versa.

Claro que serão estes dados que pesarão no julgamento culminante a tributar por esta entidade. Não será no primeiro caso citado, portanto, de esperar outra decisão que não seja a do indeferimento.

De qualquer sorte, serão os municípios que incumbem informar os peticionários dos resultados obtidos.

Face às circunstâncias, na verdade graves em que se apoiam as

restrições incidentes na construção nas zonas rurais, é mister esperar dos cidadãos a melhor compreensão e discernimento esclarecido.

O problema é de facto sério e as entidades competentes, conscientes de que estão a trilhar o caminho certo e que a todo o transe é necessário salvaguardar o espaço de vocação agrária (nisto se joga a nossa sobrevivência económica), cogitam na forma de evitar abusos e manobras capciosas tendentes a invalidar a sua acção preservadora.

O problema do espaço agric平vel a todos diz respeito. Pede isenção e educação sociais.

Pede a superação de egoísmos. Pede, também, vistas largas. Para além dos limites individuais e comezinhas.

J. C. VIEGAS

LOTEAMENTOS SEM CONTRAPARTIDA

(continuação da pág. 1) rida esboça-se, nas autarquias regionais, a tendência de vincular a esses compromissos os próprios construtores como opção conciliatória de aspirações convergentes: a de promover em comum o desenvolvimento e a expansão das respectivas urbes.

Assim, um prédio de muitos andares implica na cativação de espaços destinados ao estacionamento de viaturas.

J. C. V.

I FEIRA DE TURISMO EM ALBUFEIRA

(continuação da pág. 1) portes, construção civil, alimentação, artesanato, imprensa turística, viagens e regiões turísticas, ocuparam os 36 espaços existentes e criados para o efeito no restaurante «Almohade», do Hotel Montechoro.

A Feira funcionará das 15 às 19 horas, do dia 22 de Novembro para os congressistas, e estará patente ao público nos dias e horas a seguir indicados: dias 23, 24 e 25 de Novembro, das 15 às 23 horas e dia 26 das 10 às 18 horas.

resolvemos problemas locais no próprio local

o Crédito Predial Português
tem serviços especiais de

**crédito
para habitação própria
crédito
à construção civil**

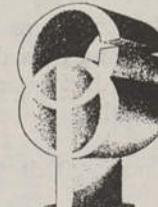
consulte-nos



FARO

RUA CASTILHO, 10
TELEFONES - 27106 - 26005 - 26357

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS



A derrocada do Império Russo

É preciso, na verdade, andar muito distraído para não sentir o tremor que anuncia o cair do maior Império da Terra. No final do Império dos Czares gerava-se o ideal de uma nova cultura de amor. Idealistas da igualdade e da fraternidade fizeram desabar o Império Russo e preparam-se para instaurar uma nova era em que o Homem fosse mais Homem e o Irmão mais Irmão. O poder caiu na rua. Era ao povo que competiria provocar as transformações que, distorcendo as torções, implantaria o ideal de que cada um de nós é portador na juventude e a Sociedade parece corromper. Mas... lá como cá. Se o poder cair na rua, haverá quem o levante. E nem sempre é o mais generoso. A ambição e a dureza estendem a mão primeiro. E foi assim que o Poder, amassado com o sangue de milhões de culados e de mártires, era dez anos depois, um poder mais despótico e cruel. As apregoadas «mais-valias», cabeça de turco de todo um sistema, já não iam para o bolso do patrão. Iam parar ao Estado, cada vez mais Todo-Poderoso e despótico. Perante a desconfiança de todo um povo a quem em nome da liberdade amarravam as mãos, e em nome da criatividade prendiam as formas pré-fabricadas, criou-se em pouco tempo o melhor estado policial da Terra. E para aí se canalizaram as apregoadas mais-valias. Inteiramente. Porque, para o exterior, era preciso manter a mesma apurada teoria. O ladrão que rouba com outro, tenta convencer o terceiro a roubar também. O número de cúmplices acalma a consciência. Mesmo quando ela existe. É preciso é estabelecer uma cortina que não permita que de fora se veja o que está por dentro. E a cortina estabeleceu-se. Foi quando o novo Império em princípio, percebeu que a seu lado se devia uma águia. E a águia era o Nazismo alemão. Tentou sorrir-lhe e percebeu um retrair de garras. Navegava nas mesmas águas e também se apelidava de socialista. Resolveu acalmá-la. A águia e o urso fizeram uma reflexão de leões — foi o massacre da Polónia. Mas depois da ceia, o focinho ainda sujo de sangue, olhou a águia, desconfiado. E quando, uns tempos depois, ela o atacou, recuou e ia-se deixando devorar. Ajudaram-no, recobrou forças e conseguiu com os aliados, esmagar a águia alemã.

O Urso Polar é mateiro. Quando na neve, tampa com a pata o seu nariz negro para melhor se disfarçar. Essa sabedoria valeu-lhe a sobrevivência. As teorias para corromper lá fora, não são as

mesmas que se praticam em casa. O povo é de escravos, os salários baixos, a habitação difícil e promiscua. Mas o sonho transformado em mentira, continua a sair-lhe em montanhas de propaganda. Ficou-lhe na memória a bota nazi, cujo som ressoou nas calçadas da Europa. Arma-se, mas não quer fazer uso direto das armas. Apendeu o que isso custa psicologicamente. Ficou-lhe de memória a perdição das demasadas extensões das linhas de abastecimento nazis; por isso prepara psicologicamente, os seus lacaios no exterior. Para actuar. E esconde a verdade do que se passa lá dentro. Resolveu problemas de saúde, desporto e transportes. Com eficiência, como os países avançados. Mas sem liberdade. O homem russo não pode falar em liberdade ou direitos. Se fala é dissidente — se tiver sorte! Faz propaganda anti-nazi e anti-fascista. Intensa. E tem necessidade de fazer. Cada novo país que é absorvido pelas suas quintas colunas de traição, é um novo remendo para que o Império se não desmorone. Mas, sem querer, os seus processos vão sendo conhecidos.

Que fizeram os nazis? — Dominaram povos, praticaram massacres de judeus, suprimiram liberdades, instauraram o partido único, criaram campos de concentração, fizeram bárbaras experiências humanas no campo da genética, etc.

E que fazem os russos? — Dominaram povos, praticaram massacres de judeus, suprimiram liberdades, instauraram o partido único, criaram campos de concentração, fizeram bárbaras experiências humanas no campo da psiquiatria, etc.

Só chamando fascistas aos outros podem tentar ocultar que conservam com toda a ferocidade, o maior fascismo de sempre, na mais velha ditadura do mundo. Mas hoje os países dominados, que não conseguiram libertar-se pela revolta, vencidos que foram pelos tanques russos, estão a utilizar os seus próprios processos. Há forte contestação interior. Há revolta incipiente nos países dominados. Só o medo do Estado Policial mantém a coesão do bloco. Nem já se trata de comunismo. Se o problema fosse esse, como se compreenderia a constante tensão na fronteira com a China comunista? É que se trata do mais refinado IMPERIALISMO. O país esgota-se na criação da marinha, no desenvolvimento da aviação, na manutenção do exército. Tudo na mais alta escala. O problema das «mais-valias», interiormente já nada vale. O colosso desmorona-se. Já se ouvem,

por toda a parte, os primeiros indícios de estertor. Os grandes impérios morrem por dentro. O Império Russo-Soviético também terá os seus traidores. A Rússia começa a desmoronar-se. O primeiro Império psicológico da História tem um estertor do mais puro imperialismo: tenta conquistar o mundo. É a sua derna possibilidade. Por toda a parte pratica a subversão, a dominação, ajuda freneticamente as suas quintas colunas de traição, os seus titulares endinheirados, para procurar destruir os alicerces de todas as sociedades, seja qual for o seu tipo. Mas os próprios seguidores começam a ver que o pseudo-progressismo é puro regressismo. Começam a abrir os olhos. Há uma corrida no tempo. O mundo começa a despertar. O cancro interno corrói toda a estrutura da Rússia Imperialista. Estamos a chegar ao fim de uma página da História que é preciso voltar. A mentira transparece, a Rússia afunda-se. Não era sem tempo.

A mais velha e mais despótica tirania de toda a História, prepara-se para entrar na história do passado. A História, porém, continuará. O comunismo também, por mais algum tempo. Não se faz num instante a vacinação de toda a Humanidade!

JOSÉ JOÃO FERREIRA
(De «Jornal do Sul», de Beja)

AOS CAÇADORES E PÚBLICO EM GERAL

A actividade venatória, pelo elevado número de pessoas que mobiliza e pelo papel que desempenha na economia nacional, tem uma importância relevante na actual sociedade portuguesa.

No passado dia 1 de Outubro teve lugar mais uma abertura geral da caça; tal como nos outros anos, milhares de caçadores calcorreram os campos na mira de coelhos, perdizes e lebre. Há no entanto um factor que de ano para ano, parece vir sofrendo um agravamento e que se pode traduzir na frase tantas vezes ouvida: «caçadores cada vez mais, caça cada vez menos».

Existe na realidade uma crise das estruturas que sustentam toda a actividade cinegética em Portugal, desde a fiscalização e fomento da caça até ao próprio sector técnico. Actualmente, todo o complexo venatório assenta no Serviço de Inspeção da Caça e Pesca e nas Comissões Venatórias Regionais; resumidamente, podemos dizer que compete ao SICP o planeamento e aplicação dos programas de estudo, bem como a supervisão e enquadramento do fomento e fiscalização, cabendo às Comissões Venatórias o apoio a todas as actividades deste Serviço, embora com especial relevo para as duas últimas.

É esta crise de estruturas que constitui, em última análise, a razão deste comunicado e assim, srs. caçadores, desejamos relatar-

-hes brevemente o que se tem passado com a maior parte do pessoal técnico da Comissão Venatória Regional do Sul, pondo-os de sobreaviso para ocorrências que se mostram altamente negativas para todos e que conduziram a uma situação que, repetimos, tão nociva se vem mostrando.

No sentido de melhorar a exploração do nosso património cinegético, foi decidido durante os anos de 1975/1976, por acordo entre o SICP e a CVRS, a contratação de cerca de 20 técnicos (englobando as categorias de Consultor Jurídico) a serem colocados sob a dependência do SICP, no âmbito do qual desenvolveriam a sua actividade profissional, centrando-se quer no apoio a projectos já em curso, quer na abertura de novas linhas de acção. Esta situação, que se vinha mostrando altamente produtiva, foi súbita e incompreensivelmente interrompida há cerca de oito meses por impedimento da Comissão Administrativa da CVRS que, denunciando o acordo firmado com o SICP, tomou atitudes cujas consequências primeiro se evidenciaram na paralisação de projectos em curso, para culminarem com a saída dos técnicos dos seus postos de trabalho em 29 de Junho último, ficando desde então completamente inactivos nas instalações da CVRS.

Os efeitos desta situação não tardarão a evidenciar-se; na realidade, todos os trabalhos em que estes técnicos estavam empenhados foram interrompidos ou gravemente lesados, o que se vai reflectir sobre a fauna cinegética e portanto, nos caçadores e agricultores, defraudados da aplicação dos melhoramentos resultantes dos referidos trabalhos. Desejamos ainda chamar a atenção para a situação degradante em que os técnicos se encontram, bem como para as consequências lógicas que esta inactividade forçada tem a nível profissional.

Temos a certeza que não é procedendo-se desta forma que os caçadores portugueses terão a caça que desejam e merecem! Para que o recurso natural que a caça constitui seja aproveitado no seu real valor, há que desbloquear este tipo de situações; há que dinamizar os processos de evolução da estrutura venatória — completamente caduca devido ao seu carácter corporativo — numa palavra, há que fazer pressão para que a integração dos técnicos, administrativos e guardas das Comissões Venatórias Regionais no Ministério da Agricultura e Pescas se torne num facto.

Os Técnicos da Comissão Venatória Regional do Sul

Sindicatos do Mar prevêem aumento do preço do peixe

Dentro de dois ou três meses, e caso não haja inversão da política governamental em matéria de pescas, o público irá duramente castigado pelo brutal aumento do preço do peixe — afirmaram, num comunicado, no dia 9, os sindicatos do mar que abrangem as tripulações dos barcos de pesca de arrasto do alto que operam normalmente no Cabo Branco e de pesca longínqua — Atlântico Sul — barcos esses que estão imobilizados e não saíram para a campanha que se devia ter iniciado no princípio de Junho.

Ainda bem que já se fala em novos aumentos de peixe... pois os pescadores, presentemente, com peixe a 300\$00 (e mais) por cada quiló, está-se mesmo a ver que mal ganham para umas reles sopinhais...

... Mas o pior é que o Povo também precisa de comer todos os dias e o peixe é necessário à sua alimentação...

Movimento de turistas nos postos de turismo da CRTA

Tendo em vista um melhor aproveitamento dos Postos de Informação Turística que a CRTA possui em todo o Algarve, tem

Comunicado do comando de Faro da PSP sobre infracções de trânsito de Setembro-78

Segundo o teor de um comunicado que nos foi dirigido pelo Comando de Faro da PSP, ascendeu a 723 as infrações de trânsito cometidas em Setembro passado, detectadas através de fiscalizações de rotina e em operações de stop.

As contravenções mais frequentes foram as seguintes: estacionamento irregular 320, falta de licença de condução de velocípede de 97, desobediência à sinalização 87, falta de capacete 66, e falta de apresentação de livrete 43.

De assinalar que foram autuados também por excessos de ruídos e acelerações, 12 condutores.

Por condução ilegal foram detidos cinco indivíduos.

Mudança de instalações da Conservatória do Registo Predial e Registo Civil de Loulé

Para o rés-do-chão de um mesmo edifício situado na Avenida José da Costa Mealha, fronteira ao bar «Tico-Tico», foi recentemente transferida a Conservatória do Registo Predial de Loulé, onde passou a funcionar e a atender o público.

A sua ilharga, também no mesmo edifício, instalar-se-á o Registo Civil de Loulé, estando no momento a transladar os seus pertences para as novas acomodações, mas funcionando ainda (até à ocasião em que coligimos esta notícia) no antigo imóvel, sito na Praça da República.

Japão autorizado a pescar nas nossas 200 milhas

Foi recentemente celebrado em Tóquio um acordo entre Portugal e o Japão, válido por um ano, que permite a este país a pesca na área marítima portuguesa das 200 milhas.

O convénio foi assinado pelo ministro dos negócios estrangeiros nipónico Sunao Sonoda e pelo embaixador português, Pedro Madeira de Andrade.

REUNIÕES DE ESCLARECIMENTO promovidas pela Cooperativa Agrícola de Loulé

A fim de levar por diante uma campanha de esclarecimento e angariamento de novos associados, vai a Cooperativa Agrícola do Concelho de Loulé promover várias reuniões nas freguesias e dias a seguir mencionados.

Em Vale Judeu, na respectiva Sociedade Recreativa, a 3 de Novembro; em Parragil, na Sociedade Recreativa Parragilense, a 7

de Novembro; em Alto, na Casa do Povo, a 10 de Novembro; em Almancil, na Sociedade Recreativa Almancilense a 14 de Novembro e em Salir, na Junta de Freguesia, a 17 de Novembro.

Já foram efectuadas reuniões em Querença e Boliqueime.

Todas estas reuniões têm início às 20 horas.

ASSEMBLEIA MUNICIPAL DO CONCELHO DE LOULÉ

Realiza-se no dia 11 de Novembro, próximo, pelas 15 horas, na Sala das Sessões da Câmara Municipal, uma Sessão Ordinária, a fim de se tratar de assuntos de interesse local.

Loulé, 20 de Outubro de 1978.